

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

História da
Música

3



História da Música

com Alvaro Siviero

SINOPSE

A música barroca é deixada para trás conforme emergem novas tendências musicais na Itália que se espalham para o restante da Europa. É chegado o período do classicismo, em que a genialidade de Mozart encontra um exemplar. Um outro gigante compositor, Beethoven, também promove modificações, dando origem ao movimento romântica na música.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: quais as características de um piano de cauda e para que servem os três pedais que compõem o instrumento; quais as características do classicismo na música; quais as características do movimento romântico.

INTRODUÇÃO

Até agora, fizemos um apanhado histórico de toda evolução da música. Desde o Antigo Egito, passando por Mesopotâmia, Grécia e Roma, adentramos o período do médio-evo. Chegamos na Renascença, no movimento do humanismo e alcançamos o período barroco. Conversamos sobre as principais características barrocas e sobre o compositor principal, o carro-chefe do movimento, Johann Sebastian Bach.

Abordamos esse compositor e, mais superficialmente, a música na Itália, devido ao coração da cultura estar em Roma. A civilização ocidental deve muito à Igreja Católica Apostólica Romana como defensora de valores culturais. Tocamos no tema do antropocentrismo presente na Renascença, comparando-o com a postura de Bach, que procurava, no seu trabalho, a glorificação e a busca de Deus.

O ESPRAIAR DO MOVIMENTO CULTURAL

No meio de tudo isso, a música italiana ia fervilhando, pululando. Surgem homens como Arcangelo Corelli, um grande nome da música do final do renascentismo e do início do barroco, e como Antonio Vivaldi, um sacerdote apelidado de “o padre ruivo”, porque tinha o cabelo bastante vermelho. Ele compôs obras maravilhosas. Uma delas, que muitas pessoas e muitos de vocês conhecem, são as quatro estações: a primavera, o verão, o outono e o inverno, em que destaca como a natureza se comporta em cada uma das suas estações específicas, descrevendo-as musicalmente. Um sucesso absoluto e uma referência musical.

Dado tudo que estava acontecendo na Itália, inevitavelmente, em outros países, o efeito de respingar cultural também começou a acontecer. Começam a acontecer iniciativas na Áustria, na Hungria. Percebe-se que o fervilhar da dedicação cultural, musical, por parte da Itália, começou a dar bom exemplo para os outros países.

O surgimento do piano

Nesse processo de espalhar a boa cultura para as outras nações vizinhas, nesse momento de transição, surge Bartolomeo Cristofori¹, o qual inventa o piano em 1709. Antes do piano, o que existia era o cravo². O cravo guarda proporções, em termos de móvel, muito semelhantes ao piano, embora de dimensões menores. No entanto, a grande diferença entre o piano e o cravo reside na sua parte mecânica.

Estamos diante de um piano. Comentamos que esse instrumento foi inventado por Bartolomeo Cristofori, mas o que é um piano? O piano é um instrumento de cordas, mas também de percussão. Há uma eterna dúvida. Porque há cordas, mas o pianista também percuta.

¹ Fabricante de instrumentos musicais (1655 - 1731).

² Cravo é a designação dada a qualquer dos membros de uma família europeia de instrumentos musicais de tecla, incluindo os grandes instrumentos comumente chamados de cravos, mas também os menores: o virginal, o virginal muselar e a espineta.

As cordas e o cravelho

No nosso caso aqui, trata-se de um piano de cauda. Mais do que isto: este é um piano de cauda completa ou inteira, também chamado de grande orquestral. Pelo fato de ter a cauda, a característica do piano de cauda é que as cordas, o encordoamento, fica na horizontal.



Cordas na horizontal

Como vocês podem perceber, as cordas estão todas na horizontal. Algumas delas, bem grossas, que são as primeiras, são chamadas de bordões³.



Bordões

Vejam o som disso (toca piano⁴). É um som potente. Percebam o som que uma única corda, correspondente à nota Lá, a primeira nota do piano, é

³ As cordas mais graves.

⁴ Tempo para escutar: 04:44 - 04:57.

responsável por emitir. Essa única corda, bem longa, emite essa quantidade de volume sonoro. Quanto mais longa a corda, maior o volume do som produzido.

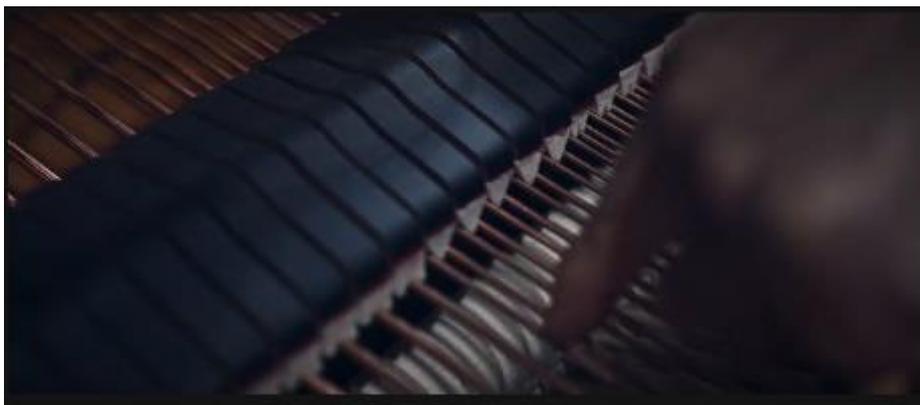
Quando vamos em direção às notas de frequência maior, as notas mais agudas, percebemos que, em cada nota, há duas cordas.



Notas mais agudas

Essas cordas são presas em cravelhos⁵. Mexendo nesses cravelhos, o afinador estica ou afrouxa as cordas, afinando o piano. A frequência emitida varia em função de como as cordas ficam mais ou menos tensionadas.

Nessa região, para cada cravelho, há duas cordas.



Duas cordas para cada cravelho

Isso é interessante porque, se acaso o pianista, durante um concerto, toca alguma das notas com muita força e a ponto de arreventar a corda, ainda há outra corda para socorrê-lo, por serem duas.

⁵ Controlador de tensão das cordas.

Percebam que, nessa região central, existem grupos de três cordas.



Região Central



Grupos de 3 cordas

Há um pequeno espaçamento e mais três cordas. Essas três cordas estão ligadas no cravelho.



Três cordas ligadas no cravelho

Como essas três cordas são mais finas, o risco de que arrebenhem é maior.



Três cordas mais finas

Eu me lembro que, certa vez, quando estava fazendo uma apresentação que terminava com uma nota aguda, na hora que acabei de tocar, esta corda estourou, arrebentou. Porque estava muito tensionada, a corda pulou para fora do móvel do piano. As pessoas aplaudiram, pois é um efeito bastante interessante. Faz um barulhão que assusta. Ainda bem que era a última nota.

Como funciona o piano? A maquinaria do piano é feita por martelos, que são essas peças brancas, com feltro, localizadas abaixo das cordas.

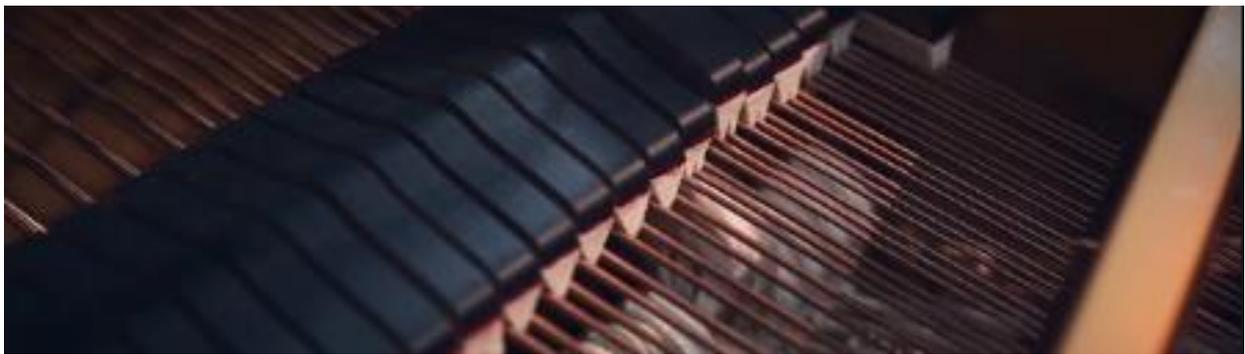


Os martelos

Quando uma tecla do piano é acionada, o martelo sai de sua posição e bate na corda, provocando a emissão do som correspondente àquela corda. Veja o mecanismo na imagem abaixo:



Martelo batendo na corda



Martelo batendo na corda

Se eu fizer, por exemplo, algo cromático⁶, vocês conseguem ver todos os martelos percutindo.

Piano versus Cravo

A grande diferença entre o piano e o cravo é que, neste segundo, não havia martelo, mas sim pinças. Portanto, as cordas eram pinçadas (toca piano⁷). Tanto que, quando se escuta um cravo em ação, o som emitido, o timbre de um cravo é muito específico. É um timbre metálico, justamente porque as cordas não são marteladas, mas sim puxadas por uma pinça. A força com que a pinça puxava a corda dependia da pressão exercida pelo pianista. Por isso, obviamente, se a pressão exercida pelo pianista, para a emissão do som (toca piano⁸), fosse muito alta, a pinça puxava a corda com tal força que esta arrebentava.

⁶ Tempo para escutar: 08:06 - 08:17.

⁷ Tempo para escutar: 08:26 - 08:56.

⁸ Tempo para escutar: 08:57 - 09:02.

É interessante perceber que, conforme passamos do barroco para o classicismo e deste para o romantismo, o cravo já não consegue mais ser capaz de reproduzir o ardor romântico, porque as cordas estouram. Beethoven e Liszt, por exemplo, estouravam muitos cravos. Por isso, foi necessário mudar o mecanismo.

Relembrando: a grande diferença entre o cravo e o piano é que, no piano, há martelos que batem nas cordas e, no cravo, há pinças que pinçam as cordas.

Os pedais

No piano, há ainda a parte dos pedais. Existem três pedais. Eu estou com o pé em cima do pedal do lado extremo esquerdo.



Pedal extremo esquerdo

Prestem atenção ao que acontece com os martelos conforme eu aperto o pedal do extremo esquerdo.



Martelo sem pressionar o pedal extremo esquerdo



Martelos com o pedal extremo esquerdo pressionado

Esse pedal deve ser utilizado para produzir sons suaves. Por quê? Ao pressionar o pedal do extremo esquerdo, toda a marteleira se desloca levemente para a direita. Com isso, parte do martelo bate na porta e outra parte, não. Como menos martelo bate na corda, o som produzido é mais suave. Então, o pedal extremo esquerdo serve para ajudar o pianista a reproduzir um som mais suave.



Martelos deslocados batendo fora da corda

Eu seria capaz, talvez, de reproduzir esse som suave sem utilizar esse pedal da extrema esquerda. No entanto, o efeito de pressionar o pedal da extrema esquerda é um recurso mecânico de que se dispõe, o qual ajuda o pianista.

Vejamos agora o pedal da extrema direita.

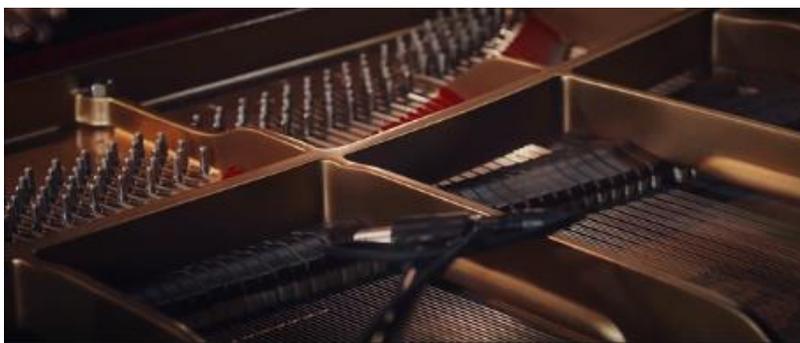


Pedal da extrema direita

Este é o som emitido quando não estou apertando o pedal (toca piano⁹). Se eu apertar o pedal, olhem o que acontece, todos os sons se misturam. Quando pressiono o pedal da extrema direita, os feltros, os abafadores sobre as cordas, levantam-se.



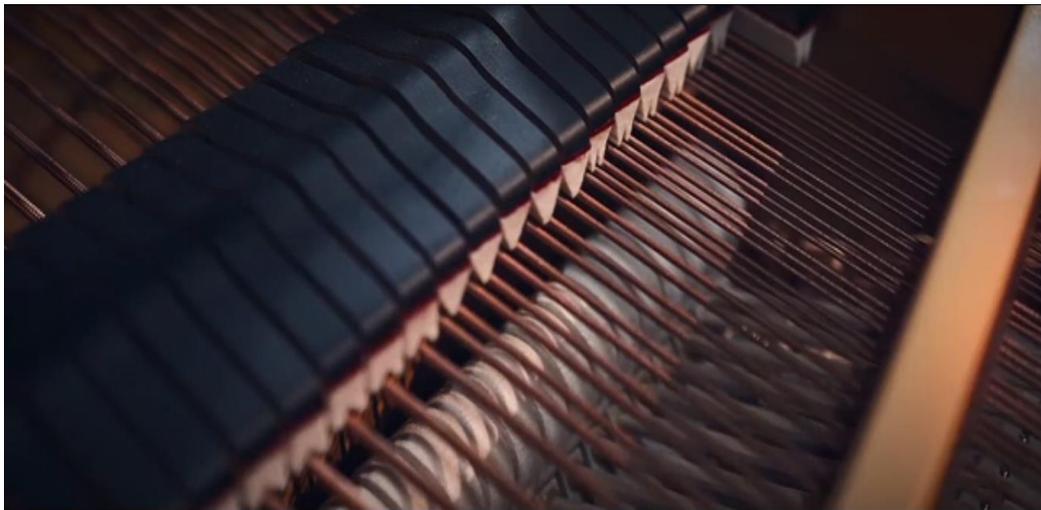
Abafadores levantados



Abafadores em posição neutra

⁹ Tempo para escutar: 11:38 - 11:55.

Percebam que os abafadores, essas camadas de feltro, abafam a corda. Por outro lado, quando aperto o pedal da extrema direita, os abafadores deixam as cordas livres para vibrarem.



Abafadores levantados, deixando as cordas vibrarem livremente.

Por último, vamos entender a função do pedal central. Muitos desconhecem a funcionalidade do pedal central.



Pedal central

Quando, após tocarmos uma nota, pressionamos o pedal central, o som desta continua repercutindo, a tecla continua vibrando. Caso não pressione qualquer pedal, o som é este (toca piano¹⁰). Desta vez, eu vou apertar a tecla e, logo depois, vou pressionar o pedal central e retirar minha mão da tecla. O efeito obtido é aquele do pedal da extrema direita, em que a corda continua reverberando, o som continua viajando.

Então, qual a diferença entre o pedal central e o pedal da extrema direita? Se eu aperto o pedal da extrema direita, ouçam o que acontece com o som das cinco notas que toco (toca piano¹¹). Os sons ficam todos misturados. No entanto, quando pressiono o pedal central, eu só quero sustentar a primeira nota. Apenas esta continua reverberando. Muitas pessoas que tocam piano não sabem o que é esse pedal central. Quando quero fazer com que uma base sonora continue como um colchão sonoro para tudo que quero fazer depois e quero, também, que o som de tudo que vou fazer depois seja muito seco, cristalino, eu tenho que utilizar o pedal central.

Se eu pressiono o pedal central, este é o som (toca piano¹²). Agora, se utiliza o pedal da extrema direita, escutem a confusão (toca piano). Mais uma vez, voltando ao pedal central (toca piano).

¹⁰ Tempo para escutar: 13:20 - 13:40.

¹¹ Tempo para escutar: 14:03 - 14:31.

¹² Tempo para escutar: 14:54 - 15:40.

PERÍODO DO CLASSICISMO

Como conversávamos, a Itália foi um grande berço cultural para toda a Europa. Todos os valores, não só na música, mas na arte como um todo, eram patrocinados, financiados, estimulados, impulsionados pela Igreja Católica Apostólica Romana, com sede em Roma. Não é o caso de ficar adentrando agora em tudo isso, mas a Igreja cresceu as universidades. Além disso, é impressionante como a cultura cristã influenciou na vida do pensamento do ocidente. É claro que toda essa força, toda essa pujança, inevitavelmente, começou a respingar em outros países.

Foi aí que, na Áustria, começaram a surgir alguns mecenas como, por exemplo, o Imperador Francisco II¹³. Francisco II era um amante da música, um apaixonado pelo piano e apoiou muito as manifestações culturais e a música dentro da dinastia dos Habsburgo.

Na Hungria, havia os condes Esterházy¹⁴, que foram os grandes mecenas de Haydn. Joseph Haydn¹⁵ foi um grande músico, o pai da sinfonia, tendo composto mais de cem sinfonias. Apesar de não ser húngaro, residia e tinha seu trabalho estável com os condes na Hungria, em Budapeste, onde produzia quantidades enormes de material. Haydn tinha um temperamento bastante submisso, subserviente. Ele era do time dos que gostam de obedecer. Então, mandavam nele, determinando o que deveria compor. Haydn obedecia e compunha. Ele ficou muitíssimo rico e reconhecido.

É aquela velha história: a história pipoca, Maria sororoca. As pipocas começaram a estourar e a pulular para vários lugares, nesse movimento do bem, nesse movimento de ampliação da vida cultural na Europa como um todo.

Nesse momento, estamos entrando no classicismo. Aquela busca do refinamento rococó dos grupetos, trinados, mordentes, trinos, enfim, de todos

¹³ Imperador Romano-Germânico (1768 - 1835).

¹⁴ Paul II, Eszterházy, patrono da música (1711 - 1762).

¹⁵ Compositor (1732 - 1809).

aqueles recursos musicais, da regularidade rítmica barroca, começa a dar espaço a um outro tipo de manifestação cultural que busca uma coisa, a simplicidade. O que o movimento do classicismo busca, não só na música, mas nas artes como um todo, inclusive na literatura, em que é conhecido como arcadismo, é a simplicidade. Queria-se tirar um pouco aquela quantidade excessiva de ornamentação que desvirtua o ouvinte do que é a mensagem principal da linha melódica. O classicismo, se é que posso dizer assim, buscava a valorização da melodia.

No barroco, com a descoberta da música tonal e pelo fato de a ênfase estar sendo dada para a estrutura harmônica, para a regularidade rítmica, a linha melódica passava um pouco em esquecimento. Por exemplo, quando eu toco isso (toca piano¹⁶), qual melodia tenho? É por isso que, no barroco, por vezes, nem chegamos a falar propriamente de uma melodia, mas sim de uma textura musical. O barroco trabalha com sonoridades e com estruturas harmônicas.

O classicismo, pelo contrário, quer provocar um resgate da linha melódica. É por isso que o classicismo traz para nós, ouvintes, ou, no meu caso, intérprete, um apelo lírico imenso, pois mantendo algumas características da música barroca, como a regularidade rítmica e a estrutura harmônica, joga, em cima disso, uma linha melódica de simplicidade, agradável e propositiva.

Tomemos o exemplo do Segundo Movimento da Sonata¹⁷ de Mozart em Dó maior. Vejam que simplicidade e, ao mesmo tempo, que profundidade nas linhas melódicas (toca piano¹⁸).

Interessante perceber que, no classicismo, a harmonia é tonal, os acordes são Dó Maior, Ré Maior, Dó Menor, Si bemol Maior. Trata-se de uma música tonal baseada numa linha melódica muito clara que, no barroco, não existia. Essa linha harmônica, muito consistente, é própria da música tonal. O ritmo, por sua vez, ficava à escolha do compositor. Há uma outra sonata de Mozart, um outro movimento, em que é possível perceber essa simplicidade

¹⁶ Tempo para escutar: 19:20 - 19:28.

¹⁷ Piano Sonata em Dó Maior, K. 545 (2º Movimento), Wolfgang Amadeus Mozart.

¹⁸ Tempo para escutar: 20:43 - 21:54.

nada agressiva, em que tudo é muito sereno¹⁹ (toca piano²⁰). Vejam, essa é uma sonata de Beethoven²¹, de sua fase inicial, com características profundamente clássicas (toca piano²²). Essa simplicidade que o classicismo propõe.

Assim como o movimento barroco propunha essa atitude um pouco rebuscada na linha melódica, de pouca melodia e mais textura musical, cheia de ornamentação, o classicismo buscou a simplicidade. O que vai acontecer com um novo movimento que surge logo após o classicismo, o romantismo? A contestação.

O ROMANTISMO

Dado os três elementos da música - a melodia, a harmonia e o ritmo -, o que vai ser colocado em cheque? A melodia? Não. Justamente pelo contrário. Os grandes românticos vão explorar linhas melódicas maravilhosas. A harmonia? Também não, porque a harmonia se mantém dentro da estrutura tonal. O romantismo vai mexer com o ritmo. Esse ritmo equilibrado, contínuo, repetitivo, sempre o mesmo, próprios do barroco e do classicismo, vai desaparecer.

A música romântica vai dar espaço para as emoções. A escola romântica quer propor que o compositor diga, para as pessoas, aquilo que está sentindo, as paixões, as raivas, os ressentimentos, as alegrias. Às vezes, dentro de uma mesma obra, há uma mutação de um sentimento para outro.

Não se trata de dizer que um movimento é melhor ou mais interessante que o outro. São características diferentes, porque o belo, a beleza se manifesta de formas diversas na vida das pessoas, em função das situações específicas das pessoas em cada dia, em cada lugar, em cada país. A beleza não se demonstra, mas se mostra e se mostra de maneiras variadas. Neste caso do romantismo, abrindo mão da regularidade rítmica presente no barroco e no classicismo.

¹⁹ Piano Sonata em Dó Maior, K. 545 (1º Movimento), Wolfgang Amadeus Mozart.

²⁰ Tempo para escutar: 22:35 - 23:26.

²¹ Piano Sonata nº 1 em Fá Menor, Op. 2 Nº 1 (1º Movimento), Ludwig van Beethoven.

²² Tempo para escutar: 23:34 - 24:28.

Mozart

Mozart²³ foi um gênio, um ponto fora da curva. Ele foi um músico absolutamente reconhecido em vida e ganhou muito dinheiro. Em Salzburg, sua cidade natal, existe a Geburtshaus, a casa dele de nascimento, mas, quem tiver a oportunidade de ir para Viena, pode visitar uma das casas em que o compositor morou numa época em que possuía um grande poder aquisitivo. Essa casa, que fica na Domgasse strasse, muito próxima à catedral de Santo Estêvão, virou um museu e pode ser visitada.



Geburtshaus, em Salzburg

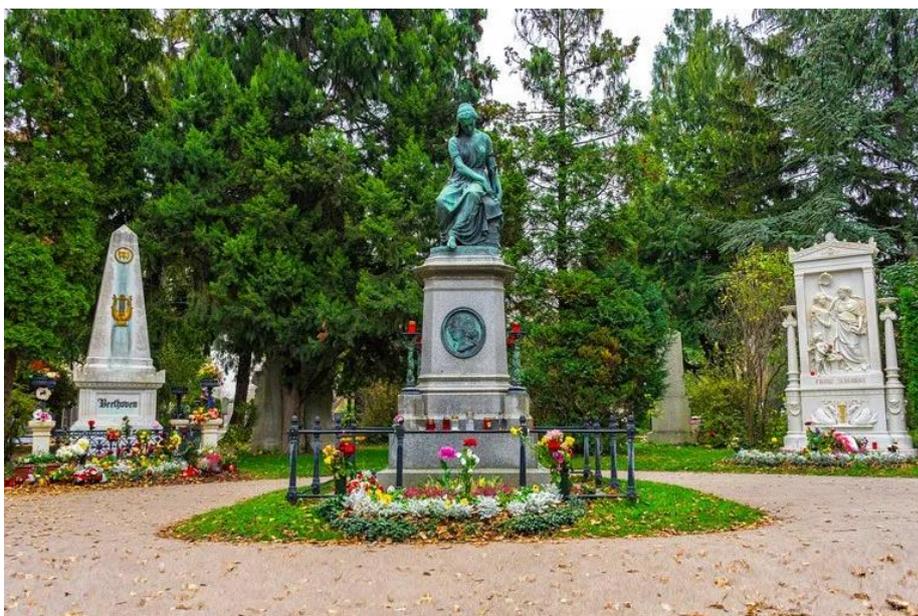
²³ Wolfgang Amadeus Mozart, compositor (1736 - 1791).



Casa em Viena, na Domgasse Strasse.

A casa na Domgasse Strasse é de muito bom padrão. Trata-se de um apartamento imenso. Mozart nasceu em 1756 e faleceu em 1797. Quando pensamos nessa época em que viveu, não eram todas as pessoas que podiam ter o privilégio de morar num apartamento daquele padrão.

Algo que eu não consigo entender sobre Mozart é que foi enterrado em uma vala comum. Mais do que isso: não se sabe onde foi enterrado. É tremendo isso. Na época do falecimento dele, não era permitido às mulheres entrar no cemitério, pelo que ouvi falar, uma prática muito comum em muitos lugares até recentemente. No entanto, mesmo que a esposa, Constanze, não pudesse entrar no cemitério, poderia, pelo menos, ter perguntado para alguém onde o marido foi enterrado, ainda mais sendo Mozart quem era. Não se sabe nada. No cemitério central de Viena, existe uma parte dedicada aos músicos. Eles estão todos ali, enterrados: Brahms, Beethoven, Schubert, Strauss. Como se desconhece o local em que Mozart foi enterrado, a prefeitura de Viena construiu um monumento em sua homenagem, bastante significativo, ao redor do qual estão todos esses compositores que mencionei, como se Mozart fosse o epicentro, o centro dessa grande esfera formada por gigantes da composição.



Monumento em homenagem a Mozart no cemitério central de Viena

Mozart é impressionante. Apenas para vocês terem uma ideia, Chopin, um grande compositor romântico, como nós vamos ver, compôs dois concertos para piano. Brahms, igualmente, também compôs dois concertos para piano. Beethoven compôs cinco concertos para piano. Mozart compôs vinte e sete concertos para piano. Chopin não compôs nenhuma sinfonia. Tchaikovsky compôs seis sinfonias. Beethoven compôs nove. Brahms, quatro. Mozart compôs quarenta e um sinfonias. O incrível é que Mozart viveu apenas trinta e cinco anos.

Eu não sei se vou falar alguma impropriedade agora, mas... Mozart compôs suas primeiras obras com quatro anos de idade. Compôs um concerto para piano com cinco anos. Eu não sei se a natureza mais ou menos pensa assim: essa pessoa vai viver pouco, então tem que começar a produzir logo ou se a pessoa começa a produzir antes porque vai viver pouco. Eu também não sei dizer se cinco anos de Mozart equivale a vinte anos de outra pessoa normal. Eu não sei se o crescimento da maturidade, do dom faz com que tudo seja mais compactado e a pessoa acabe vivendo menos, não porque viveu menos, mas porque o tempo, para esses gênios, é diferente do nosso. Eu não saberia precisar. Enfim, Mozart está enterrado em uma vala comum, não se sabe onde.

Beethoven

Beethoven²⁴ é um dos grandes expoentes do classicismo. Ele nasceu em 1770 e morreu em 1827, com 57 anos de idade. Quando a Revolução Francesa eclode, em 1789, dando origem ao que chamamos de Idade Contemporânea, Beethoven tinha dezenove anos de idade. O surpreendente é que a formação universitária dele é filosofia. Beethoven é filósofo e o primeiro instrumento que estudou e ao qual dedicou mais atenção foi a viola, um dos instrumentos da orquestra. A viola é um violino um pouquinho maior. Os ideais de liberdade, de igualdade e de fraternidade mexiam com a cabeça de Beethoven, assim como mexem com a cabeça de muitas pessoas até hoje.

Como pessoas livres, para que cresçam o que quiserem crescer, para que sejam o que quiserem ser, serão iguais? Se você tem liberdade, você não tem igualdade. Se você está deixando todo mundo igual, eu te garanto, as pessoas não estão sendo livres. Isso é assim.

Esses questionamentos filosóficos e reais, da vida como ela é, habitavam a cabeça de Beethoven. Além disso, Beethoven tinha problemas pessoais. Ele era filho do segundo casamento. A mãe²⁵ se casou e teve um filhinho. Em muito pouco tempo, morreram o filho e o marido. Anos depois, viúva, ela conhece Johann van Beethoven²⁶. Eles formam uma família de sete filhos, da qual Ludwig van Beethoven seria o segundo. O primeiro dos filhos faleceu dessa família faleceu e seu nome, Ludwig, foi dado ao segundo filho. Agora, coloque-se no lugar da mãe de Beethoven. No primeiro casamento, ela perdeu marido e filho. No segundo, perdeu novamente o primogênito. Imaginem o peso para Ludwig van Beethoven de saber que seu nome era o nome do irmão mais velho que não conheceu, que já havia falecido. O terceiro e o quarto filhos também sobreviveram, mas o quinto, o sexto e o sétimo não. O sétimo filho era uma menina, Maria, que faleceu com um ano e meio de idade. Beethoven a adorava de paixão. Pense como é, para uma pessoa, saber que o primeiro irmão já faleceu e ainda por cima perder os três irmãos mais novos.

²⁴ Ludwig van Beethoven, compositor (1770 - 1827).

²⁵ Maria Magdalena Keverich, mãe de Beethoven.

²⁶ Nikolaus Johann van Beethoven, pai de Beethoven.

Só que, antes que da sétima filha falecer, a mãe dele morreu. Com um agravante: Beethoven queria ser músico, então, já tinha saído de Bonn, sua cidade natal, na Alemanha, em direção à Viena, porque o sonho de sua vida era estudar com Mozart. Quando Beethoven ficou sabendo da gravidade do estado de saúde de sua mãe, ele teve de voltar para Bonn. Beethoven já havia retornado para casa quando sua mãe faleceu. Pouco tempo depois, como nós dissemos, muito jovem, Mozart também faleceu.

Durante vários anos, Beethoven ficou cuidando dos irmãos números três e quatro, porque o pai deles era um bêbado. O pai era um alcoólatra descontrolado, até tal ponto que, quando houve o falecimento do avô paterno, Beethoven pediu para que as rendas da herança não fossem dados ao seu pai, mas sim a ele, para servir de renda para os irmãos menores que estavam sob seus cuidados. Beethoven só conseguiu retornar à Viena cinco anos depois, já com vinte e um anos de idade.

Tudo isso que comentei com vocês, o falecimento da mãe e dos irmãos, a situação de alcoolismo do pai, acontece num Beethoven com dezesseis anos de idade. É aquele velho ditado que podemos aplicar para nós mesmos: eu reclamava de que não tinha sapatos, até que me encontrei com uma pessoa que não tinha os pés. Quando vemos a vida de um homem como Beethoven, uma vida de sofrimento real, o sofrimento que eu ou você podemos ter em nossas coisas, desculpa, é balela. Beethoven fez de todo esse sofrimento, de toda essa amargura, uma explosão, uma mistura explosiva de tal forma que resolveu usar a música como maneira de contestação e de eclosão para o mundo inteiro, de que alguma coisa precisava ser feita, de que não podemos ficar parados. Ele transformou o limão numa limonada.

Por isso, dentro dessa cronologia que estamos fazendo na linha musical, o grande provocador do início do romantismo na música é Beethoven. Ludwig van Beethoven foi quem iniciou o movimento romântico musical. Isso aconteceu até tal ponto que, se analisamos as primeiras obras desse compositor e as últimas, elas não guardam proporção. Podemos perceber um elemento contestatório em todas elas, mas as primeiras obras, de uma forma

mais clássica, são mais líricas, simples, valorizando a linha melódica. O Beethoven do segundo momento passa a ser um Beethoven mais agressivo, que não aceita a vida como ela é.

Sugiro vivamente que, depois, vocês conheçam o testamento de Heiligenstadt²⁷. Heiligenstadt é uma cidadezinha, um subdistrito muito próximo à Viena, para o qual Beethoven teve que se mudar. Por quê? Porque depois de tudo que nós conversamos, Beethoven começou a ficar surdo. Aos vinte e seis anos de idade, ele começou a perceber sintomas da surdez. É uma coisa de loucos, vida de loucos. Compositor que era, músico famoso, o único sentido que não poderia ter falho era a audição. Era justamente a audição que ele não tinha. Por isso, Beethoven fugia das reuniões das classes artísticas, evitava contato com as pessoas, para que estas não percebessem o problema real pelo qual estava passando. Foi em Heiligenstadt que Beethoven escreveu uma carta para os seus irmãos, a qual nunca chegou a entregar e que só foi encontrada após o seu falecimento. Essa carta é um verdadeiro testemunho do que ele deseja para os irmãos menores. É um pai falando para os filhos, não irmão falando para irmão. É impressionante. Eu tive a oportunidade de ler esse testamento nos jardins da casa em Heiligenstadt. Foi extremamente emocionante saber que aquilo que ele estava falando, havia sido escrito naquele quartinho que eu acabara de visitar. Eu vivamente aconselho que vocês busquem o testamento de Heiligenstadt e leiam. São quatro parágrafos transformadores.

Vou comparar o primeiro estilo, do Beethoven clássico, com o romântico para que vocês vejam que houve uma diferença significativa. Eu acabei de mostrar para vocês a primeira sonata dele (toca piano²⁸). Agora,

²⁷ Escrito por Ludwig van Beethoven. Trata-se de uma carta manuscrita, originalmente destinada aos irmãos Kaspar Anton Carl van Beethoven (1774 - 1815) e Nicolaus Johann van Beethoven (1776 - 1848), e que nunca lhes foi enviada - e que ficou guardada numa gaveta da sua secretária em Viena, encontrada só depois da sua morte.

²⁸ Tempo para escutar: 39:31 - 39:41.

vejam um Beethoven mais introspectivo, amadurecido, romântico²⁹ (toca piano³⁰). A atmosfera é completamente diferente.

Em cima do romantismo, esse movimento eclodido por Beethoven, começam a surgir várias outras manifestações em vários outros países. Para vocês terem uma ideia, Schubert³¹, um grande compositor austríaco, caracterizou-se pela composição dos lieds, que são obras feitas para canto. Ele era um gênio. Quando perguntaram a Schubert qual havia sido a maior conquista musical da vida dele, sua resposta foi: ter carregado o caixão de Beethoven. Johannes Brahms³², outro grande compositor, um gênio da música, queimou, destruiu dois terços de toda composição que conhecemos dele. O que foi publicado de Brahms é simplesmente um terço de tudo que ele compôs. Os demais dois terços, Brahms achava impossível de publicar quando se referenciava para obra de Beethoven. Depois da Nona Sinfonia, da Sinfonia Coral, ninguém ousava compor uma sinfonia. Aquilo é a catarse grega. O fantasma Beethoven dominava Viena, dominava o mundo. Ninguém se sentia seguro para fazer mais nada. É impressionante.

Alguns outros nomes começaram a surgir. Na Hungria, aparece o compositor Franz Liszt³³, um grande compositor, o príncipe do piano. Na Polônia, surgiu Frédéric Chopin³⁴, chamado de o poeta do piano. Principalmente nesses compositores como Liszt e Chopin, conseguimos entender um pouquinho melhor as características românticas dessa liberdade rítmica e dessa afluência de emoções e de sentimentos absolutamente descontrolados. Pouco importa o que você pensa dos meus sentimentos, o que interessa, para mim, no romantismo, através da minha música, é mostrá-los (toca piano³⁵³⁶).

²⁹ Piano Sonata n. 14, Op. 27 N.º 2 em Dó Sustenido Menor (1º Movimento), Ludwig van Beethoven.

³⁰ Tempo para escutar: 39:49 - 44:52.

³¹ Franz Schubert, compositor (1797 - 1828),

³² (1833 - 1897).

³³ Compositor (1811 - 1886).

³⁴ Compositor (1810 - 1849).

³⁵ Tempo para assistir: 47:26 - 54:38.

³⁶ Piano Sonata n. 14, Op. 27 em Dó Sustenido Menor (3º Movimento), Ludwig van Beethoven.